

O Livro de Daniel - Número cento e oitenta e cinco

Divindade encarnada: a profunda confissão de Pedro e suas implicações

Jeff Pippenger

2024-04-15

Quando Pedro apresentou sua resposta à pergunta de Cristo sobre quem os discípulos diziam que Cristo era, afirmou que Jesus era o Ungido, o Cristo, o Messias. Também disse que era o Filho de Deus.

Quando Jesus chegou às regiões de Cesareia de Filipe, perguntou aos seus discípulos: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem? E eles disseram: Uns dizem que tu és João Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias ou algum dos profetas. Ele lhes perguntou: E vós, quem dizeis que eu sou? Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Jesus lhe disse: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que te revelou isto, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. Mateus 16:13-19.

Por meio de Pedro, o Espírito Santo apresentou a verdade essencial para que os cento e quarenta e quatro mil compreendessem. Ele o fez em Panium, que era Cesareia de Filipe. Panium é o local de templo mais sagrado no culto ao dragão, pois a Grécia representa o mundo, e o mundo nos últimos dias é as Nações Unidas, que é o representante terrestre do dragão. “Portas do inferno” é um nome para o templo de Pã, o deus-bode grego. O templo foi construído em frente a uma caverna que continha a Fonte de Panium. A Fonte de Panium alimentava o rio Jordão, que é um símbolo de Cristo.

O nome "Jordão" significa "aquele que desce" e inicia seu curso na região montanhosa do norte de Israel, tendo como principal fonte as nascentes do Monte Hermom, o pico mais alto da cordilheira do Hermom, onde se encontra a nascente chamada "portas do inferno". Hermom significa "sagrado" e "Jordon" significa "descer". O rio Jordão flui das terras altas do Monte Hermom e desce pelo Vale do Rift do Jordão, chegando por fim ao Mar Morto, que é o ponto mais baixo da superfície da Terra.

As águas que alimentam o rio Jordão, que se originam no templo de Pan e que, por fim, chegam ao ponto mais baixo da Terra, representam a descida que o Filho de Deus fez quando deixou o mais alto monte sagrado para descer ao mais baixo "mar morto" deste mundo. A descida de Cristo do céu até a morte de cruz também representa que Ele tomou sobre si a carne do homem caído, pois sua jornada do céu até a cruz foi alimentada pelas águas que se originaram nas "portas do inferno".

O Mar Morto não é apenas o lugar mais baixo da Terra, mas também tem as águas mais salgadas da Terra, nove vezes mais salgadas do que o oceano. A morte de Cristo na cruz, tipificada pelo Mar

Morto, foi onde Ele confirmou Sua aliança com muitos.

E toda oblação da tua oferta de manjares temperarás com sal; nem permitirás que o sal da aliança do teu Deus falte à tua oferta de manjares; com todas as tuas ofertas oferecerás sal.
Levítico 2:3.

No caminho desde as nascentes do Monte Hermom, o rio Jordão passa pelo mar da Galileia, também conhecido como Lago Tibério e Lago Quinerete. Galileia significa uma "charneira" ou um "ponto de viragem". Tibério é o nome do governante romano que sucedeu Augusto César e, devido ao formato do lago, ele é chamado Quinerete, que significa "uma harpa" ou "uma lira". O ponto de viragem para a humanidade foi quando Tibério César governava e Jesus foi crucificado, e todas as harpas no céu foram silenciadas. O testemunho geográfico do rio Jordão, em conexão com as "portas do inferno", que é o templo do deus grego Pan, fala do testemunho que Pedro proclamou pela inspiração do Espírito Santo.

A encarnação de Cristo foi a combinação de divindade e humanidade que ocorreu quando o divino Filho de Deus tomou sobre si a carne humana, assim unindo a divindade à humanidade, como representado pelas águas da fonte de Pã que alimentam o rio Jordão. O que alimentava a fonte de Pã era o orvalho, a chuva e a neve que caíam sobre as montanhas do Hermom, o Hermom representando a montanha "sagrada", que é a Jerusalém de cima.

Um Cântico de Degraus de Davi. Eis quão bom e quão agradável é que os irmãos vivam em união! É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desceu sobre a barba, a barba de Arão, que desceu até a orla de suas vestes; como o orvalho do Hermom, e como o orvalho que desceu sobre os montes de Sião; pois ali o Senhor ordenou a bênção, a vida para sempre. Salmos 133:1-3.

O "óleo precioso" que descia pela barba de Arão era o óleo usado quando ele e seus filhos foram ungidos como sacerdotes de Deus.

E tomarás do sangue que está sobre o altar e do óleo da unção, e o aspergirás sobre Arão, e sobre as suas vestes, e sobre seus filhos, e sobre as vestes de seus filhos com ele: e ele será santificado, e as suas vestes, e seus filhos, e as vestes de seus filhos com ele. Êxodo 29:21.

Pedro expressou a confissão de todos os discípulos e, ao fazê-lo, expressou a confissão dos cento e quarenta e quatro mil, que serão ungidos como um sacerdócio unificado que é erguido como estandarte. O "óleo" que ungiu Arão era também como o orvalho do monte Hermom e também como o orvalho dos montes de Sião. O "óleo" e o "orvalho" são a mensagem que representa a unção do Espírito Santo.

Dai ouvidos, ó céus, e falarei; ouve, ó terra, as palavras da minha boca. A minha doutrina cairá como a chuva, o meu discurso destilará como o orvalho, como chuva miúda sobre a erva tenra e como aguaceiros sobre a relva; porque proclamarei o nome do Senhor; tributai grandeza ao nosso Deus. Deuteronômio 32:1-3.

O "orvalho" é a "doutrina" que cai sobre os montes de Sião, e é o "óleo" da unção que unifica os cento e quarenta e quatro mil, que são os sacerdotes de Deus nos últimos dias. A doutrina cai como

chuva e destila como orvalho porque é "publicada". Ela é publicada porque céu e terra devem dar ouvidos e ouvir as palavras de Sua boca, por meio de um sacerdócio unificado que é o estandarte que proclama as mensagens do Clamor da Meia-Noite e do Alto Clamor.

Quão formosos sobre os montes são os pés daquele que traz boas novas, que anuncia a paz; que traz boas novas do bem, que proclama a salvação; que diz a Sião: O teu Deus reina! Os teus atalaias levantarão a voz; com a voz, juntos, cantarão, porque verão, olho a olho, quando o Senhor restaurar Sião. Irrompei em júbilo, cantai juntas, ó ruínas de Jerusalém: porque o Senhor consolou o seu povo, ele remiu Jerusalém. O Senhor desnudou o seu santo braço à vista de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus. Isaías 52:7-10.

Os atalaias dos últimos dias, representados por Pedro, anunciam salvação e paz, e estarão unidos, pois verão olho a olho. Isso acontece quando "o Senhor traz novamente Sião". A palavra hebraica traduzida como "trazer novamente" significa "reverter". Quando o Senhor reverte Sião, isso significa que Sião estivera em cativeiro, como representado pela dispersão, e isso é revertido quando o cativeiro cessa.

Porque assim diz o Senhor: depois de se completarem setenta anos na Babilônia, eu vos visitarei e cumprirei sobre vós a minha boa palavra, fazendo-vos voltar a este lugar. Porque eu bem sei os pensamentos que tenho a vosso respeito, diz o Senhor, pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que esperais. Então me invocareis, e ireis e orareis a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração. Serei achado de vós, diz o Senhor; e mudarei a vossa sorte, e vos reunirei de todas as nações e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o Senhor; e vos trarei de novo ao lugar de onde vos fiz levar cativos. Jeremias 29:10-14.

Todos os profetas falam dos últimos dias e, nos últimos dias, o Seu povo está em cativeiro que há de ser revertido, a fim de cumprir o testemunho da profecia.

A palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor, dizendo: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Escreve todas as palavras que te falei num livro. Pois eis que vêm dias, diz o Senhor, em que trarei de volta do cativeiro o meu povo Israel e Judá, diz o Senhor; e os farei voltar à terra que dei a seus pais, e eles a possuirão. Jeremias 30:1-3.

Depois de três dias e meio de sono, assim como Lázaro dormiu por quatro dias e Daniel lamentou por vinte e um dias, Miguel ressuscita as duas testemunhas, que são Seu povo dos últimos dias, e as traz à unidade e também as unge por meio de uma mensagem que é publicada no mundo inteiro. Essa mensagem é o "orvalho" do Monte Hermom (a montanha sagrada), que alimenta a nascente de Pã, que por sua vez alimenta o rio Jordão. A unção realizada por essa mensagem representa a unção de Jesus, que marcou o momento em que Ele se tornou o Cristo, que Pedro identificou.

Quando Pedro identificou Cristo como o Filho de Deus, ele apresentou Cristo tanto como o Filho de Deus quanto como o Filho do homem, conforme representado pelas águas das "portas do inferno" que alimentam o Rio Jordão. A confissão de Pedro foi produzida pela inspiração do Espírito Santo, e foi essa verdade, que Jesus era o Cristo, o Ungido, e que Ele era tanto Deus quanto homem, que foi identificada por Jesus como a verdade que seria o foco da batalha contra o

povo de Deus dos últimos dias, ao qual Cristo prometeu vitória, pois as “portas do inferno” não prevalecerão contra essa verdade.

A verdade é que, em 11 de setembro de 2001, assim como Jesus foi ungido em Seu batismo, começou o selamento dos cento e quarenta e quatro mil e, nessa história, haveria uma decepção que mataria Seu povo dos últimos dias, até que Ele os ressuscitasse e revertesse o seu cativo. O processo de ressurreição inclui a unificação de Seu povo em um poderoso exército que é erguido como um estandarte. A obra de ressuscitar, purificar, unificar e elevar, após a morte nas ruas, é ilustrada nos versículos dez a quinze do capítulo onze de Daniel, assim como em outras passagens bíblicas. Mas, nos versículos treze a quinze, Cristo mais uma vez levou Seus discípulos a Cesareia de Filipe, a Panium, e é ali que o selo de Deus é impresso para a eternidade.

Somente quando compreendemos a profundidade desses fatos podemos reconhecer as revelações de verdade presentes no testemunho de Cesareia de Filipe. No versículo dezoito do capítulo dezesseis de Mateus, o nome de Simão Barjonas é mudado para Pedro, o que simboliza os cento e quarenta e quatro mil, conforme já observado em um artigo recente. A revelação matemática estabelecida no versículo magnifica Jesus como o Maravilhoso Numerador, pois não apenas Pedro pode ser entendido como representando os cento e quarenta e quatro mil, mas Mateus 16:18 também é o símbolo matemático de "phi".

Antes de tratarmos da matemática associada a "phi", cumpre notar que "phi" é parte da palavra "Philippi", o segundo dos dois nomes da cidade de Panium. O versículo dezoito indica que Jesus falou a Pedro em hebraico, o que foi registrado em grego e, posteriormente, traduzido para o inglês. Esses três passos evidenciam o controle de Cristo sobre a Sua Palavra. Quando a palavra é considerada segundo o sistema matemático de multiplicar as posições numeradas, constata-se que o nome Peter equivale a cento e quarenta e quatro mil, enfatizando, assim, Jesus como o Maravilhoso Contador. No próprio versículo em que Jesus proclama que edificará a Sua igreja, o Maravilhoso Contador controlou o processo de tradução para assegurar que a verdade representada no versículo dezoito do capítulo dezesseis correspondesse ao símbolo matemático de "phi".

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta rocha edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Mateus 16:18.

A Sua igreja não está simplesmente fundamentada na doutrina de que Jesus é o Cristo e que Ele é o Filho de Deus, mas também no fato de que Ele é o Verbo, e que o Verbo criou e controla todas as coisas, incluindo a matemática, a gramática e as obras dos homens.

Nele também obtivemos uma herança, tendo sido predestinados segundo o propósito daquele que opera todas as coisas conforme o conselho da sua própria vontade. Efésios 1:11.

Phi, frequentemente representado pela letra grega ϕ (phi), é uma constante matemática aproximadamente igual a 1.618033988749895. Esse número é conhecido como a razão áurea ou a proporção divina. É um "número irracional", o que significa que não pode ser expresso como uma fração simples, e sua representação decimal prossegue infinitamente sem se repetir.

A razão áurea possui muitas propriedades notáveis e aparece em diversos contextos na matemática, arte, arquitetura, natureza e outros campos. Ela é frequentemente encontrada em formas geométricas, como retângulos, pentágonos e dodecaedros, nas quais a razão entre o lado mais longo e o lado mais curto é igual a phi.

Na arte e na arquitetura, acredita-se que a proporção áurea crie proporções esteticamente agradáveis. Ela tem sido usada por artistas e arquitetos ao longo da história, desde as civilizações antigas até o Renascimento e além, para conceber composições, edifícios e obras de arte. Na matemática, a proporção áurea aparece em várias equações e sequências matemáticas, incluindo a sequência de Fibonacci, na qual cada termo é a soma dos dois anteriores. À medida que os termos da sequência de Fibonacci aumentam, a razão entre termos consecutivos se aproxima de phi.

No versículo 16:18, encontramos o phi matemático (1,618...). Jesus, o Deus "que opera todas as coisas segundo o conselho da sua própria vontade", determinou colocar Sua assinatura de ser Palmoni, o Número Maravilhoso, ou o Contador de Segredos, na geografia profética que identifica o campo de batalha de Sua igreja contra as portas do inferno nos últimos dias. Naquele campo de batalha profético, por meio de Seu controle dos números, Ele representou os cento e quarenta e quatro mil com "Pedro", que teve seu nome mudado de "Simão", o que ouve a mensagem da pomba, para "Pedro", marcando assim os cento e quarenta e quatro mil como Seu povo da aliança dos últimos dias.

A "rocha" sobre a qual Ele escolheu construir a Sua igreja é a rocha fundamental, o fundamento e a pedra angular principal dos "sete tempos" de Levítico vinte e seis, pois não há verdadeiro fundamento que não seja Cristo. Desde o batismo de Cristo, quando Simão "ouve" a mensagem da pomba, até a cruz do Mar Morto, por mil duzentos e sessenta dias, duas vezes por dia, houve um sacrifício da manhã e da tarde, exceto no último dia dos mil duzentos e sessenta dias, pois naquele dia o sacrifício da tarde escapou do sacerdote, e na cruz Cristo morreu como a oferta número dois mil quinhentos e vinte.

Tudo é terror e confusão. O sacerdote está prestes a imolar a vítima; mas a faca cai de sua mão sem forças, e o cordeiro escapa. Tipo e antítipo se encontraram na morte do Filho de Deus. O grande sacrifício foi realizado. O caminho para o Lugar Santíssimo foi aberto. Um novo e vivo caminho foi preparado para todos. A humanidade pecadora e sofredora já não precisa aguardar a vinda do sumo sacerdote. O Desejado de Todas as Nações, 757.

A "rocha" sobre a qual Ele edificaria a Sua igreja é a pedra fundamental que os construtores rejeitaram; o seu número é "dois mil quinhentos e vinte". Em um breve versículo, Cristo apresenta-Se como o Senhor de todas as coisas e, ao fazê-lo, Ele está de pé e falando nos versículos treze a quinze do capítulo onze de Daniel.

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta rocha edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Mateus 16:18.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

'As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus; porém as coisas reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre.' Deuteronômio 29:29. Como Deus realizou a obra da criação, Ele nunca revelou aos homens; a ciência humana não pode sondar os segredos do Altíssimo. Seu poder criador é tão incompreensível quanto Sua existência.

Deus permitiu que uma torrente de luz fosse derramada sobre o mundo, tanto na ciência quanto na arte; mas, quando homens que se dizem científicos tratam desses assuntos a partir de um ponto de vista meramente humano, certamente chegarão a conclusões erradas. Pode ser inocente especular para além do que a palavra de Deus revelou, se nossas teorias não contradisserem fatos encontrados nas Escrituras; mas aqueles que deixam a palavra de Deus e procuram explicar Suas obras criadas com base em princípios científicos estão à deriva, sem carta náutica nem bússola, em um oceano desconhecido. As mentes mais brilhantes, se não forem guiadas pela palavra de Deus em suas pesquisas, ficam confusas em suas tentativas de traçar as relações entre ciência e revelação. Como o Criador e Suas obras estão tão além de sua compreensão que não conseguem explicá-los por leis naturais, consideram a história bíblica pouco confiável. Aquelles que duvidam da confiabilidade dos registros do Antigo e do Novo Testamentos serão levados a dar um passo além e a duvidar da existência de Deus; e então, tendo perdido sua âncora, ficam a bater contra as rochas da incredulidade.

Essas pessoas perderam a simplicidade da fé. Deve haver uma crença firme na autoridade divina da Sagrada Palavra de Deus. A Bíblia não deve ser testada pelas ideias humanas sobre a ciência. O conhecimento humano não é um guia seguro. Céticos que leem a Bíblia com o propósito de cavilar podem, por uma compreensão imperfeita da ciência ou da revelação, alegar encontrar contradições entre elas; mas, corretamente compreendidas, estão em perfeita harmonia. Moisés escreveu sob a orientação do Espírito de Deus, e uma teoria correta da geologia jamais reivindicará descobertas que não possam ser harmonizadas com suas afirmações. Toda a verdade, seja na natureza ou na revelação, é coerente consigo mesma em todas as suas manifestações.

Na palavra de Deus, levantam-se muitas questões que nem os mais profundos estudiosos jamais podem responder. Chama-se a atenção para esses assuntos para nos mostrar o quanto há, mesmo entre as coisas comuns do dia a dia, que as mentes finitas, com toda a sua vangloriada sabedoria, jamais podem compreender plenamente.

Ainda assim, os homens de ciência pensam que podem compreender a sabedoria de Deus, aquilo que Ele fez ou pode fazer. Está muito difundida a ideia de que Ele está limitado por Suas próprias leis. Os homens ou negam ou ignoram Sua existência, ou pretendem explicar tudo, até a atuação de Seu Espírito no coração humano; e já não reverenciam Seu nome nem temem Seu poder. Não creem no sobrenatural, por não compreenderem as leis de Deus nem Seu poder infinito de realizar Sua vontade por meio delas. Como é comumente usado, o termo 'leis da natureza' engloba o que os homens conseguiram descobrir acerca das leis que regem o mundo físico; mas quão limitado é o seu conhecimento e quão vasto é o campo em que o Criador pode operar em harmonia com Suas próprias leis e, ainda assim, totalmente além da compreensão de seres finitos!

Muitos ensinam que a matéria possui poder vital — que certas propriedades são conferidas à matéria, e então ela é deixada para agir por sua própria energia inerente; e que as operações da natureza são conduzidas em harmonia com leis fixas, com as quais o próprio Deus não pode interferir. Isso é falsa ciência e não é sustentado pela palavra de Deus. A natureza é serva de seu Criador. Deus não anula suas leis nem opera em contrário a elas, mas está continuamente usando-as como seus instrumentos. A natureza dá testemunho de uma inteligência, uma presença, uma energia ativa, que opera em e por meio de suas leis. Há na natureza a atuação contínua do Pai e do Filho. Cristo diz: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho.” João 5:17.

Os levitas, em seu hino registrado por Neemias, cantaram: 'Tu, só Tu, és Senhor; Tu fizeste os céus, o céu dos céus, com todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, ... e Tu preservas a todos.' Neemias 9:6. No que diz respeito a este mundo, a obra de criação de Deus está concluída. Pois 'as obras foram acabadas desde a fundação do mundo.' Hebreus 4:3. Mas Sua energia ainda é exercida ao sustentar os objetos de Sua criação. Não é porque o mecanismo que uma vez foi posto em movimento continue a agir por sua energia inerente que o pulso bate e a respiração sucede a respiração; mas cada respiração, cada pulsação do coração, é uma evidência do cuidado que tudo penetra dAquele em quem 'vivemos, nos movemos e existimos'. Atos 17:28. Não é por causa de poder inerente que, ano após ano, a terra produz suas dádivas e continua seu movimento ao redor do sol. A mão de Deus guia os planetas e os mantém em posição em sua marcha ordenada pelos céus. Ele 'faz sair o seu exército em número; a todas chama pelos nomes, pela grandeza do Seu poder, pois é forte em poder; nem uma só falta.' Isaías 40:26. É por Seu poder que a vegetação floresce, que as folhas aparecem e as flores desabrocham. Ele 'faz crescer a relva sobre os montes' (Salmo 147:8), e por Ele os vales se tornam férteis. 'Todas as feras da floresta ... buscam de Deus o seu alimento', e toda criatura vivente, desde o menor inseto até o homem, depende diariamente de Seu cuidado providencial. Nas belas palavras do salmista, 'Todos estes em Ti esperam... O que lhes dás, eles recolhem; abres a Tua mão, ficam cheios de bens.' Salmo 104:20, 21, 27, 28. Sua palavra controla os elementos; Ele cobre os céus com nuvens e prepara chuva para a terra. 'Ele dá a neve como lã; espalha a geada como cinzas.' Salmo 147:16. 'Quando faz ouvir a Sua voz, há uma multidão de águas nos céus, e faz subir os vapores desde os confins da terra; faz relâmpagos com a chuva e tira o vento dos Seus tesouros.' Jeremias 10:13.

"Deus é o fundamento de tudo. Toda verdadeira ciência está em harmonia com Suas obras; toda verdadeira educação conduz à obediência ao Seu governo. A ciência descortina novas maravilhas aos nossos olhos; ela se eleva às alturas e explora novas profundezas; mas nada traz de suas investigações que entre em conflito com a revelação divina. A ignorância pode tentar sustentar falsas concepções de Deus apelando para a ciência, mas o livro da natureza e a Palavra escrita lançam luz um sobre o outro. Assim somos levados a adorar o Criador e a ter uma confiança inteligente em Sua palavra." Patriarcas e Profetas, 113-115.